

Disciplina Cristă

Julius Anton von Poseck

Disciplina Cristã

**Julius Anton Wilhelm Eugen von
Poseck**

Título do original em inglês:

The Gospel and the Church – Christian Discipline – Julius Anton Wilhelm Eugen von Poseck

Bible Treasure: Volume 18

Primeira edição em português – janeiro de 2024

Originalmente publicado eletronicamente por:**BIBLE TRUTH PUBLISHERS**

59 Industrial Road, Addison, IL 60101
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB 1994

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

DISCIPLINA CRISTÃ

Julius Anton Wilhelm Eugen von Poseck

(1816-1896)

INTRODUÇÃO

Difícilmente existe um princípio de verdade Cristã, sobre o qual prevaleçam tantos grandes erros e diferenças de opinião entre os Cristãos, como sobre o significado de “disciplina”.

A palavra “disciplina”, no original grego do Novo Testamento e nas línguas latinas e românicas modernas, tem praticamente o mesmo significado: “educação”. É uma verdade bem conhecida que é impossível a verdadeira educação sem correção, seja nas coisas divinas ou humanas, embora, infelizmente, pouco levada em conta nestes **“tempos trabalhosos”** de orgulho, vontade própria e autoafirmação. Mas o termo “disciplina” assumiu em muitos países, especialmente entre nações com hábitos escolares, um significado mais com sabor de “chicote” e “vara”, do que de graça Cristã – *verdade sem graça*; enquanto entre outros, conhecidos pelas suas inclinações liberais, aparece frequentemente o erro oposto, a saber: *graça sem verdade*. **“A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”**. Esta é a ordem de Deus, que não deve ser posta de lado, muito menos em questões de disciplina.

A razão para a confusão e dificuldades prevalecentes nas questões de disciplina deve ser buscada, em parte, na nossa propensão natural de julgar os outros e não a nós mesmos, na nossa triste falta de graça e humildade Cristã; em parte, em nossa propensão à preferências carnis, ou aversão e preconceito contra aquele que é objeto de disciplina; e por último, mas não menos importante, na ruína geral da Igreja de Deus, num falso sistema religioso e na consequente confusão quanto às verdades da Igreja em geral.

A Igreja, como “casa do Deus vivo”, não pode abster-se da disciplina, se não quiser perder todas as reivindicações como tal. Enquanto existirem a carne, o miserável “eu” interior e o mundo com suas tentações ao nosso redor, a disciplina será uma necessidade absoluta mesmo neste mundo; quanto mais na Igreja de Deus! O que seria de uma escola, de um exército ou de uma família sem disciplina? Nada além de confusão e corrupção, destinados à destruição. Quanto mais isso é verdade no que diz respeito à “casa do Deus vivo”! **“A santidade convém à Tua casa, SENHOR, para sempre”.**

Mas é da maior importância que tenhamos plena clareza sobre o significado e a natureza da disciplina; pois a ignorância quanto a esta questão solenemente importante causou e ainda causa sérios erros com as mais tristes consequências para a Igreja de Deus. Esforcemo-nos, portanto, para encontrar as respostas às seguintes perguntas, que naturalmente se apresentam, orando ao Senhor por Sua orientação.

As questões que devemos considerar são:

1. O que é disciplina Cristã?
2. Quais são os tipos de disciplina Cristã?
3. De que maneira e com que espírito a disciplina deve ser aplicada?

1.

1. O QUE É DISCIPLINA CRISTÃ?

Por disciplina Cristã entendo o privilégio do crente, sob a graça, e o esforço amoroso que lhe incumbe, de advertir, exortar, instruir e aconselhar um companheiro Cristão que errou ou está em evidente perigo de se desviar, no espírito daquela sabedoria que vem do alto e no **“espírito de mansidão”** (Tg 3:17-18 e Gl 6:1), como na presença de Deus; e (em caso de arrependimento) encorajá-lo, confortá-lo e fortalecê-lo, e ajudá-lo a uma renovada comunhão com Deus, e assim reconduzi-lo ao caminho da santidade, da justiça e da paz, ou seja, **“restaurai o tal”** (Gl 6:1 – TB).

O que muitas vezes é entendido por disciplina na Igreja, a saber: a excomunhão da assembleia, deveria ser, e é de fato, apenas o fim da disciplina, a última e extrema medida, depois que todos os esforços para restaurar o errante terem se mostrado infrutíferos. Nada pode ser mais contrário ao Espírito de Deus e à graça de Cristo do que começar com a excomunhão da assembleia ou Igreja; isto significa tomar como primeiro passo na disciplina, aquele que deveria ter sido o último e o encerramento da disciplina, cuja intenção deveria ser evitar esse ato extremo e solene de disciplina da Igreja. Pois, por mais verdadeiro que seja que uma Igreja que se recuse a exercer a disciplina piedosa, não pode mais ser considerada como a assembleia de Deus, uma assembleia que é culpada de um ato de disciplina tão precipitado e prematuro, pronuncia a sua própria condenação, e irá descobrir que o **“Juiz está à porta”** (Tg 5:9). O que deveríamos dizer de um médico que, quando chamado para curar uma perna doente, começaria a cura amputando-a? Ou o que se diria de um pai de família que, no caso de um filho desobediente, iniciasse sua disciplina expulsando-o de casa? Não seria ele chamado de pai desnaturado e sua ação considerada como bárbara ao extremo? E, no entanto, quantas vezes ouvimos falar de tais cruéis

procedimentos, quando em casos da chamada disciplina piedosa o primeiro grito foi: "Seja excluído da assembleia!" Aqueles marinheiros gentios, que **"remavam, esforçando-se"** para salvar tanto Jonas (que foi a causa de toda a sua angústia), como a si mesmos e ao navio, poderiam ensinar uma lição a muitos marinheiros Cristãos!

Como tais medidas cruéis e ímpias devem ferir o terno e amoroso coração de pastor d'Aquele que é nosso Cabeça na glória, e cuja última ação antes de voltar novamente para Seu Pai, foi restaurar uma ovelha que havia se desviado de Seu rebanho, que era ninguém menos que Seu principal apóstolo, a quem Ele confiou as chaves do reino dos céus e que O negou três vezes.

Tais decretos judiciais (como estamos constantemente testemunhando) não deixam de trazer, mais cedo ou mais tarde, o julgamento de Deus sobre os juizes e assessores, por parte d'Aquele que é o Filho sobre Sua própria casa, Cabeça da Igreja e Sumo Pastor, e Quem há mais de 2.000 anos, pelo Seu Espírito profético em Seu profeta Ezequiel, pronunciou este julgamento sobre os falsos pastores.

"A fraca não fortaleceste, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza... Eis que Eu estou contra os pastores e demandarei as Minhas ovelhas da sua mão; e eles deixarão de apascentar as ovelhas e não se apascentarão mais a si mesmos; e livrarei as Minhas ovelhas da sua boca, e lhes não servirão mais de pasto" (Ez 34:4, 10).

2 - QUAIS SÃO OS TIPOS DE DISCIPLINA CRISTÃ?

Consideremos agora os diferentes tipos de disciplina Cristã. Há três tipos:

1. Quando um irmão peca contra outro irmão. (Mt 18:15-17);
2. A disciplina da vigilância paterna e do cuidado pastoral (Gl 6:1; At 20:28-31; 1 Ts 2:11-12; 1 Tm 5:19-21);
3. A disciplina de Cristo, como **"Filho sobre Sua própria casa"**. (Hb 3; Jo 13).

As duas primeiras têm caráter pessoal. A intenção delas é evitar a disciplina da Assembleia.

1. Um irmão pecando contra outro irmão.

Quanto a este caso, as instruções de nosso Senhor são simples e claras: **"Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o [reprova-o – JND ou conta-lhe sua falta – KJV] entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão. Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja [assembleia – JND] e, se também não escutar a igreja, considera-o [que ele seja para ti – JND] como um gentio e publicano"** (Mt 18:15-17).

Nestas palavras de nosso gracioso Mestre, não podemos deixar de notar imediatamente o cuidado especial que Ele toma para nos lembrar que este não é um caso de disciplina da assembleia, mas de ofensa pessoal de um irmão contra outro, alertando-nos contra confundir as duas coisas que tem causado grande tristeza e prejuízo na Igreja. Sempre foi o esforço de Satanás (ao qual a carne em nós está muito disposta a ajudá-lo) rebaixar as questões da assembleia tornando-as em questões pessoais, ou elevar

assuntos pessoais tornando-os em questões da assembleia, usando assim o nosso orgulho natural para produzir o cancer do espírito partidário na Igreja de Deus. A história da Igreja desde os tempos dos apóstolos até agora contém a triste confirmação disto.

"Se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o [reprova-o – JND ou conta-lhe sua falta – KJV] entre ti e ele só". O que nosso manso e humilde Mestre pretendia com essas palavras? Simplesmente isto, que o irmão que foi injustiçado vá até seu irmão no espírito daquele amor que **"cobre uma multidão de pecados"**, e com a intenção de que o pecado de seu irmão não seja apenas coberto, isto é, que permaneça em segredo para todos os outros, mas sim, que seja confessado e julgado como na presença de Deus, ser assim totalmente posto de lado, entre Deus e o irmão que pecou, e entre os próprios dois irmãos, à maneira de nosso amoroso e gracioso Deus, de Quem devemos ser **"imitadores"**. Ele **"dá liberalmente e não censura"** (Tg 1:5 – AIBB), e Ele perdoa liberalmente e não censura, dizendo: **"jamais Me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades"** (Hb 10:17). Este último é muito mais difícil para nós do que dar e não repreender. A intenção é que o pecado do irmão seja mantido em segredo, ou melhor, totalmente eliminado, antes que possa chegar aos ouvidos de uma terceira pessoa, e muito menos da Igreja. Mas se o irmão não te ouvir, leva contigo um ou dois. Uma testemunha no sentido do amor e da graça, mas duas no sentido da sabedoria, de acordo com o caráter individual do irmão que errou e o resultado mais ou menos esperançoso da sua primeira conversa privada com ele. Neste último caso, seria mais provável que duas testemunhas impressionassem a consciência do irmão que havia falhado, e em certos casos seria sensato não comparecer perante a Igreja como testemunha em sua própria causa, caso o assunto tivesse que ser levado perante a Igreja.

Mas se o errante não ouvir a Igreja. (ou assembleia), e então? Ele endureceu seu coração contra as demonstrações dos fatos e protestos com lágrimas do irmão injustiçado por ele; o

depoimento conjunto de duas testemunhas adicionais revelou-se sem efeito sobre a sua consciência; até mesmo a exortação da assembleia não foi escutada – o que resta, diriam alguns, senão a dolorosa necessidade da disciplina da assembleia? Ele não deveria ser colocado fora de comunhão?

Não! Diz o Filho sobre a Sua própria casa, que é mais Santo, mais Sábio e mais Gracioso do que todos nós; **“se também não escutar a igreja, considera-o”** (isto é, para aquele contra quem ele pecou) **“como um gentio e publicano”**. Ele, o Cabeça do Seu corpo, a Igreja, como Ele é nosso Senhor, Mestre e Salvador pessoal, não nos permitirá elevar questões pessoais em questões da assembleia, nem rebaixar as questões da assembleia em assuntos pessoais.

Prestemos atenção a esta advertência do nosso Bom, Grande e Sumo Pastor! Que tristeza, sofrimento, angústia e destruição poderiam ter sido poupadas às preciosas ovelhas e aos tenros cordeiros de Seu rebanho, se Seus subpastores, como boas ovelhas, tivessem ouvido Sua voz e acatado Suas precisas instruções! Que Ele nos conceda ser fortalecidos **“na graça que há em Cristo Jesus”** (2 Tm 2:1), e ser **“cheios do conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual”** (Cl 1:9).

Pode acontecer, e acontece, que tal irmão impenitente, endurecido e perseverante num obstinado mau proceder, se torne finalmente sujeito à disciplina da Igreja e seja excluído da assembleia. Mas isso é algo bem diferente. Não se evita um extremo tão triste colocando-se à frente do Senhor e além de Sua Palavra, mas esperando n'Ele e seguindo Sua Palavra.

Outro caso de disciplina Cristã (embora não seja disciplina da assembleia) é o de um irmão **“que andar desordenadamente”**, isto é, como explica o apóstolo, **“não trabalhando, antes, fazendo coisas vãs linternando-se na vida alheia – AIBB”** (2 Ts 3:6-16). O apóstolo aqui ordena com a solenidade da autoridade apostólica (como em 1 Coríntios 5), em nome de nosso

Senhor Jesus Cristo, **“que vos aparteis”** de alguém assim. A razão de sua linguagem solene neste caso é porque a ociosidade, tão severamente repreendida nas páginas da Santa Escritura, e até mesmo pelo mundo, abre a porta para o tentador, como testemunhado pela advertência no exemplo de Davi. Mas, afinal de contas, este não é um caso de **“tirai, pois, dentre vós”** ou de disciplina da assembleia como em 1 Coríntios 5, mas de disciplina a ser aplicada pelos irmãos individualmente contra o ocioso e o de maus intentos, afastando-se de toda comunhão pessoal com ele. A intenção deste tipo de disciplina Cristã é agir pela força de tal testemunho unido sobre o coração e a consciência daquele que **“andar desordenadamente”**, e assim evitar sua excomunhão da assembleia. O apóstolo então continua: **“Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai”**, não diz “tirai dentre vós”, mas, **“notai o tal e não vos mistureis [não mantenhais companhia – JND] com ele, para que se envergonhe”**, isto é, que o irmão em erro possa ver seu mau caminho e abandoná-lo, e assim ser poupado da disciplina final, isto é, da disciplina da assembleia, que pode se tornar necessária devido a alguns dos sérios frutos de sua ociosidade. Por esta razão, o apóstolo conclui com as graciosas palavras: **“Todavia, não o tendes como inimigo, mas admoestai-o como irmão”**. Sua linguagem neste caso é muito diferente daquela em 1 Coríntios 5.

Quanto ao caso em Mateus 18 gostaria de fazer algumas observações sobre um erro (para falar com delicadeza) que não é raro de acontecer. Refiro-me ao caso de um irmão que se abstém de partir o pão, seja porque se considera insultado ou injustiçado por alguém na assembleia, ou, o que é pior ainda, porque ele nutre uma antipatia ou suspeita pessoal contra a pessoa que o ofendeu. Se agir assim no primeiro caso acima mencionado, constitui-se acusador e juiz em sua própria causa, provando assim o quão pouco aprendeu a conhecer-se e a julgar-se (seu orgulho, sua vontade própria e o poder cegante dessas coisas o levaram a tal presunção) e quão pouco ele percebeu em sua alma o verdadeiro caráter da Igreja como corpo de Cristo. E não só isso,

mas ao excluir-se da mesa do Senhor, por causa de seu irmão que lhe é desagradável, ele nega ao Senhor não apenas o tributo de reverência em adoração e ação de graças que Lhes são devidas no memorial de Seu amor, mas rouba de si mesmo todas as preciosas bênçãos relacionadas com a mesa do Senhor. Para se vingar de seu rosto, ele corta o próprio nariz. Que loucura, sem falar da triste condição de alma que causa isso.

"Mas", dirão alguns, "não é pior sentar-me à mesa do Senhor, que é a expressão da comunhão Cristã, com um irmão que me ofendeu, ou contra quem tenho algo em meu coração, ou tenho razão para suspeitar?"

Minha resposta a isso é simplesmente esta: em assuntos divinos, a regra para nossas ações deve ser a Palavra de Deus e não os sentimentos e princípios naturais. Em nenhum desses casos a Escritura justifica tal passo de independência. A esses eu deveria dizer: Se você acha que seu irmão lhe fez mal, por que não, depois de agir de acordo com Mateus 18, **"considerai-o"** (você e não vocês) **"como um gentio e publicano"**? Ou seja, você pode recusar-lhe a mão direita de comunhão, não notando mais a presença dele na assembleia. Nem uma palavra é dita de que ele deveria ser excluído da assembleia, muito menos de você se colocar sob disciplina no lugar dele.

No segundo caso, isto é, onde você tem algo em seu coração contra um irmão, por que você não age de acordo com a clara ordem do Senhor em Mateus. 5:23-24, e vai até seu irmão, a fim de livrar seu coração do que você tem contra ele? Na passagem que acabamos de referir, o Senhor ordena-nos que procuremos o nosso irmão, não apenas quando temos algo contra ele, mas **"se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta"**. Certamente, então, você deve ir até ele, se tiver alguma coisa contra ele, e reconciliar-se com ele¹. Mas, em vez disso, você vira as costas ao altar e fica longe com a

sua oferta de graças devida a Deus. Que cegueira em pecar assim contra Deus e contra seu irmão!

No terceiro caso, isto é, ficar afastado da mesa do Senhor porque você acha que tem motivos para suspeitar de um irmão, seja por ter notado algo errado em sua caminhada, ou por ter ouvido algum mau relato sobre ele. Saiba que sua maneira de agir parece ser ainda mais perversa e pecaminosa. Pois ou a coisa ruim que você notou em sua caminhada ou que ouviu falar dele é de tal natureza que o torna sujeito à disciplina da Igreja, isto é, causa sua excomunhão da assembleia, ou é de natureza menos urgente e solene. No primeiro caso, é seu dever informar a Igreja sobre o mau proceder dele, se for provado e conhecido por você como um fato, a fim de que o mal possa ser eliminado da assembleia. Em vez disso, seja por medo dos homens, seja por motivos naturais do amor humano, das amizades ou das relações familiares, você se excomunga a si mesmo da mesa e da Igreja, fazendo com que ambas sejam contaminadas, e imaginando assim pacificar sua consciência e mantendo-a pura! Que impureza! Que covardia! Que pecado grave contra Deus, contra Cristo e a Igreja!

Se, por outro lado, a inconsistência que você notou no andar de um irmão não é de natureza tão séria a ponto de causar sua excomunhão ou mesmo uma repreensão pública diante da Igreja, por que, no devido amor ao seu irmão, você não vai até ele e tenta remover a contaminação que você notou lavando seus pés de acordo com o exemplo e ordem solene de nosso bendito Senhor e Mestre? (Jo 13:14 – disto falarei mais adiante).

Você suspeita do seu irmão? **“O amor... não suspeita mal”** Você desconfia dele? **“O amor... tudo crê, tudo espera”** (1 Co 13). Ou a sua desconfiança é baseada na informação de algum irmão de confiança? Pergunte a esse irmão confiável se ele falou com o irmão contra quem ele lhe forneceu essa informação prejudicial e, se ele não o fez, ofereça-se para acompanhá-lo sem demora até aquele contra cujo caráter piedoso ele levantou dúvidas em sua

mente. Se ele recusar fazer isso, repreenda-o severamente e imediatamente descarte de sua mente qualquer outro pensamento suspeito contra aquele irmão, pois você não tem o direito de alimentar sequer uma sombra de suspeita contra um companheiro crente, a menos que seja baseada em fatos inegáveis e testemunhas dignas de confiança. Proferir ou espalhar tais suposições malignas ou mesmo apenas expressões depreciativas sobre um irmão crente, o que pode ser feito às vezes de uma forma aparentemente inocente e de maneira meio jocosa, não é apenas algo vil e ímpio, mas é realmente diabólico. Em muitas reuniões, toda a verdadeira comunhão, paz e bênçãos foram interrompidas e perturbadas, tendo o **“acusador de nossos irmãos”** conseguido impregnar a atmosfera espiritual em tais assembleias com uma vaga desconfiança, más suspeitas e indistintas apreensões a tal ponto que a respiração espiritual nessa atmosfera tão espessa e venenosa tornou-se quase impossível e terminou com a dissolução da assembleia.

Ficar longe da mesa do Senhor por mera suspeita ou desconfiança contra alguém ou alguns na assembleia apenas revela que o suposto mal, do qual aquele que se separa pretende purificar-se pela sua própria exclusão, está contido dentro dele mesmo. Portanto, seria melhor que ele começasse por si mesmo, em vez de julgar seu irmão e a assembleia, separando-se deles. Tal orgulho farisaico sob o manto da consciência é muito triste para um Cristão, provando a sutileza e o poder cegante da carne em nós.

Deixe-me resumir o que foi dito, numa ilustração simples. Suponhamos que um dos filhos de uma família imagine ter motivos para reclamar contra um de seus irmãos, ou, por alguma causa, nutre uma grande aversão por ele. Seu sentimento fica tão forte que ele decide se ausentar das refeições familiares normais. Com a sua ausência daquela mesa, que em si é a expressão do vínculo e da união familiar, ele não apenas menosprezaria os irmãos e irmãs habitualmente presentes à mesa, mas sobretudo cometeria um flagrante desrespeito pelos pais que presidem

aquela mesa. Além disso, aquele filho não muito amável, para demonstrar sua antipatia ou desaprovação pelo irmão, expor-se-ia à fome, procedimento suicida, que pouco serviria ao seu propósito. Pois dificilmente se poderia supor que aquele membro separatista da família, que assim despreza a mesa dos pais, fosse tão longe em sua ousadia a ponto de esperar que suas refeições fossem enviadas para seu local de reclusão (assim com o obstinado membro de Cristo, separando-se da mesa do Senhor, poderia supor esperar que as bênçãos de Deus relacionadas com a mesa o seguissem até o exílio que ele mesmo escolheu). Suponhamos agora que aquele filho peculiar e insociável, ao ser repreendido por seu pai por sua conduta, alegasse que sendo a mesa dos pais a expressão da comunhão familiar, não seria consistente e honesto da parte dele sentar-se ali com um membro da família com o qual ele sentia que não poderia ter comunhão. O que o pai diria diante de tal desculpa? Ele lhe diria: "Se seu irmão ofendeu você, por que você não foi até ele, procurando convencê-lo de seu erro com espírito de mansidão e amor fraternal? E se ele não quisesse ouvir você nem seus irmãos e irmãs, você deveria ter me contado, e eu o teria advertido e, se necessário, o reprovado e corrigido. Em vez de seguir este único caminho correto, você, meu filho, preferiu tomar o assunto com suas próprias mãos e constituiu-se acusador e juiz em sua própria causa. Sua maneira de agir não me parece conscienciosa, como você deseja apresentá-la, mas antes revela um coração mau e uma consciência perversa, orgulho e obstinação. A mesa à qual você virou as costas não é sua, nem de seu irmão, mas é a minha mesa. Se você continuar a desprezar a mesa da família e, assim, desconsiderar seus pais, seus irmãos e suas irmãs, não lhe resta nada além de sair de casa e ir para a pensão do mundo e provar sua comida."

Demorei-me neste ponto por mais tempo do que pretendia, devido à sua ocorrência frequente, especialmente em pequenas cidades e reuniões no campo, onde o conhecimento pessoal é

muito mais próximo e mais sujeito a atritos. **“O fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz”**

2. Vigilância e cuidado paterno

(Gl 6:1; At 20:28-31; Ts 2:11-12; 1 Tm 5:19; 2 Tm 4:2; 1 Jo 2:13-14)

O segundo tipo de disciplina Cristã é a vigilância paterna e o cuidado pastoral. Como a disciplina anterior, esse tipo tem um caráter pessoal. A Igreja, como tal, não tem nada a ver com isso. Sua intenção é evitar a disciplina da assembleia.

Mas enquanto no caso anterior se tratava de uma questão pessoal entre irmãos, este segundo tipo supõe, e na verdade exige, experiência espiritual, sabedoria e graça, por parte de quem deve exercê-la. Ele deve falar como um pai para seus filhos, como alguém cuja superioridade não é apenas a idade e maior experiência e conhecimento, mas a graça e uma caminhada piedosa. **“Vós sois testemunhas, e também Deus”,** poderia dizer o apóstolo da Igreja, **“de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos comportamos para com vós, os que credes”** (1 Ts 2:10 – TB). Em seguida, ele continua: **“Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos, para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o Seu reino e glória”**. O mesmo encontramos em Gálatas 6:1. O apóstolo primeiro os exorta (cap. 5:25-26): **“Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros”**. Ele então continua: **“Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai [restaurai – TB] o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado”**.

Nem sempre aquele que assume uma postura de pai é necessariamente um pai. O verdadeiro pai se comporta e age como pai simplesmente porque o é: **“não é aprovado aquele que se recomenda a si mesmo, mas sim aquele a quem o Senhor**

recomenda". A verdadeira superioridade espiritual não se afirma, mas se faz sentir. Não busca reconhecimento, mas é reconhecida porque é verdadeira. Alguns em Corinto agiam como pais, mas na verdade eram bebês.

A *autoridade paterna* na Igreja deve estar associada à *ternura maternal*, como foi o caso do apóstolo. Ele não apenas exortou os tessalonicenses como seus filhos; ele também sabia como confortá-los. Ele lhes escreveu: **"fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos"**. O poder perfeito e a ternura perfeita não estão unidos em nosso Deus? Sua mão é tão terna quanto é poderosa. Lançará os incrédulos no lago de fogo e enxugará todas as lágrimas do rosto de Seus amados filhos.

"Pais" são aqueles que **"conhecem Aquele que é desde o princípio"**, a Quem não apenas foi **"dado todo o poder no céu e na Terra"**, mas Aquele que também é **"manso e humilde de coração"**. Eles "aprenderam a Cristo", cujo jugo é suave e Seu fardo é leve, e são, portanto, capazes, como tais "que são espirituais", com autoridade, ternura e cuidado paternos, para restaurar aqueles que foram surpreendidos em uma falta **"com espírito de mansidão"** e levar **"as cargas uns dos outros"**, cumprindo assim **"a lei de Cristo"**².

Tal pessoa vai até seu irmão errante, cujo pecado e carga ele assumiu diante de Deus como se fossem seus, e fala a seu irmão palavras de graça e verdade.

Palavras de verdade, assim ditas com amorosa gentileza a um irmão que erra, sempre encontrarão um bom lugar com ele, mesmo quando não forem bem recebidas de início. Nestes últimos dias, quando o orgulho e a vontade própria levantam a cabeça, não só no mundo, mas, infelizmente, na Igreja de Deus, o serviço Cristão de lavar os pés uns dos outros deve frequentemente esperar uma recepção indelicada. Há homens cuja pele é tão fina que um leve arranhão faz com que o sangramento seja difícil de ser estancado. E então hoje em dia não são poucos os Cristãos com uma constituição espiritual tão

tenra, ou talvez tão delicada, que ao menor arranhão acidental³, levantam-se como se tivessem sido perfurados por uma adaga. Eles apenas provam quão pouco seu coração foi estabelecido pela graça e quão pouco aprenderam d'Aquele que é manso e humilde de coração. Mas isso não deve nos impedir de cumprir nosso dever sob a graça, de lavar os pés uns dos outros, que nosso gracioso e humilde Mestre, que é amor, mas também o **"Santo"** e **"Verdadeiro"**, tão solenemente ordenou aos Seus na noite que antecedeu Sua morte na cruz, depois de Ele mesmo nos ter dado o exemplo.

"Entendeis o que vos tenho feito? Vós Me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque Eu o Sou. Ora, se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" (Jo 13:12-17).

A mansidão e a humildade Cristãs, tão intimamente ligadas ao amor Cristão, são requisitos essenciais no serviço de lavar os pés.

Quando nosso Senhor disse: **"Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também"**, Ele certamente não quis dizer que deveríamos imitá-Lo nos meros preparativos para esse serviço, como "cingir-se com a toalha" e "derramar água na bacia". Muitos demonstram grande aptidão para tais preparativos, mas desmoronam no ato de lavar os pés, porque evitam ajoelhar-se para se chegar aos pés do irmão. Eles entram em sua presença com um ar que diz: *"Vim lavar seus pés"*. Preparativos assim se assemelham mais aos de um barbeiro do que ao serviço humilde de um Cristão lavando os pés, e geralmente fazem mais mal do que bem. Um conhecido servo de Cristo observou verdadeiramente: *"Se eu não julgar primeiro em mim mesmo a carne que vejo ativa em meu irmão (pois a mesma existe em mim), não estou apto para lavar os pés de meu irmão"*. Se antes

de ir a um irmão para lavar seus pés, eu tiver estado no pó perante do Senhor, vou parecer pequeno perante meu irmão, e assim poderei remover suavemente a contaminação.

Quanta humildade devo ter para com um irmão? O suficiente para suprir sua falta dela. Se ele não dobrar os joelhos, deixe-me dobrar os meus e ele logo o seguirá. Não fez Gideão isso diante dos efraimitas? (Jz 8:1-3) Quanto amor devo ter por meu irmão? O suficiente para compensar sua falta dele. Não nos deu o exemplo o grande apóstolo da Igreja? (2 Co 12:15). Assim deveria ser entre os membros de Cristo. Um membro deveria suprir os outros. É assim entre nós?

Sendo o importante serviço Cristão do lavar os pés que faz parte integrante da gama mais ampla de vigilância paterna e cuidado pastoral, pensei que algumas observações sobre o dever Cristão geral do lavar os pés poderiam ser oportunas em meio às dificuldades crescentes que assolam a "casa do Deus vivo" nestes últimos dias.

3 – Disciplina de Cristo como Filho sobre Sua Própria Casa, e Disciplina da Igreja propriamente dita (Hb 3:6; 1 Co 5).

Os dois primeiros tipos de disciplina mencionados anteriormente têm um caráter pessoal e visam evitar a disciplina da assembleia, isto é, a excomunhão da pessoa problemática da assembleia e, portanto, tristeza e vergonha geral. Alguém observou verdadeiramente que noventa por cento da disciplina Cristã é de caráter pessoal⁴. Se a questão chegou ao ponto que a disciplina de Cristo, como Filho sobre a Sua própria casa, se tornou necessária, não é, como nos casos anteriores, uma questão de restaurar alguém que pecou, mas da responsabilidade de todos manterem a casa de Deus incontaminada. A própria expressão, *disciplina de "Cristo, como Filho sobre a Sua própria casa"*, deveria servir para impressionar a assembleia com a profunda e

solene percepção da sua responsabilidade corporativa perante Deus.

Cristo mantém não apenas as chaves da morte e do Hades em Sua mão vitoriosa, mas como **"Filho sobre Sua própria casa"**, Aquele **"que é Santo, o que é Verdadeiro"**, também possui a chave do testemunho e do serviço. E como poderíamos esperar que Ele, o Santo e Verdadeiro, daria uma **"porta aberta"** ao testemunho de uma assembleia que, embora professamente reunida ao Seu Nome, em descuidada indiferença sanciona com esse Santo Nome o mal que o desonra, revelando assim que tem pouca ou nenhuma noção do que é devido Àquele que leva esse Nome e é **"o Filho sobre a Sua própria casa"**?

O apóstolo, portanto, foi obrigado a recordar Seu Nome à memória dos Coríntios que praticamente pareciam ter esquecido seu significado com aquelas palavras: **"em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo, seja entregue a Satanás"** etc. Os coríntios haviam esquecido o que era devido a Cristo como Filho sobre Sua própria casa, a "casa do Deus vivo", a "habitação de Deus no Espírito".

Como já foi observado, neste caso de disciplina da assembleia não se trata de uma restauração pessoal daquele que é o objeto da disciplina, mas da responsabilidade comum de todos de protegerem a casa da contaminação. A restauração do pecador pode ser o resultado da disciplina da assembleia; mas isso é outra coisa e não tem nada a ver com a necessidade da disciplina da assembleia como tal, nem pode alterar o seu caráter. O Nome do Senhor deve ser vindicado primeiramente.

Se casos como 2 Tessalonicenses 3:6-15, ou de uma repreensão pública, são designados como disciplina da assembleia em um sentido geral, não tenho objeção a isso; apenas eles aparecem para mim, como já disse, antes como meios para evitar a necessidade de disciplina por Cristo como **"Filho sobre Sua própria casa"**, que é a excomunhão da assembleia, e assim é ao

mesmo tempo o começo e o fim da disciplina da assembleia em sentido estrito.

A autoridade de Cristo como Filho sobre a Sua própria casa é guardada e mantida por meio da presença e eficácia do Espírito Santo (o Qual glorifica a Cristo) na Igreja, como a "habitação de Deus no Espírito". Ao dizer isso, não quero dizer que o próprio Cristo não pudesse assumir e exercer diretamente essa disciplina para a manutenção de Sua autoridade sobre Sua própria casa, caso Lhe agradasse fazê-lo. Houve casos solenes disso. Seu poder e autoridade são os mesmos em nossos dias como quando **"Judas... saiu logo e era já noite"**.

Mas quando a condição espiritual de uma assembleia é boa e, portanto, a operação do Espírito Santo não é impedida, a disciplina da assembleia, quando necessária, será realizada com pouco ou nenhum impedimento. Mas onde o estado de uma assembleia for baixo ou positivamente ruim, como foi o caso em Corinto, a execução da disciplina da assembleia será comparativamente difícil⁵. Mas para tais casos de dificuldade, que ocorrem com demasiada frequência nestes últimos dias da Igreja na Terra, a graciosa promessa do Filho sobre Sua própria casa torna-se duplamente graciosa: **"onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles"**. Ele não diz "Meu Espírito está", mas "Eu estou". Mesmo na Igreja de Corinto ainda havia indivíduos fiéis, como Estéfanos, Fortunato e Acaico; e o próprio Senhor estava no meio deles e executou a disciplina necessária por meio de Seu apóstolo.

Dois casos são especialmente mencionados nas Santas Escrituras, onde o Senhor, como Filho sobre Sua própria casa, exerce disciplina. A primeira é a de Ananias e Safira; e a segunda, a exclusão do iníquo da igreja de Corinto.

Ananias e Safira

No caso solene de Ananias e Safira, vemos a disciplina do Filho sobre Sua própria casa realizada pelo poder do Espírito Santo por meio do principal dos doze apóstolos. Ananias e sua esposa

concordaram juntos **“para tentar o Espírito do Senhor”**, e por esse pecado de hipocrisia e afronta, sofreram a morte pelo poder do **“Espírito de verdade”** (contra Quem eles mentiram) agindo por meio de Pedro. Este caso não era de disciplina da assembleia em sentido estrito, na medida em que a Igreja como tal não poderia assumir nenhuma participação ativa nele (exceto por reconhecer praticamente o que havia sido feito), pois sua responsabilidade por tal participação só poderia, é claro, aplicar-se a pecados conhecidos e manifestados. Com Ananias e Safira, Cristo atua como Cabeça da Igreja por meio do Espírito Santo. Ananias e Safira mentiram **“ao Espírito Santo”**; eles mentiram **“a Deus”** e concordaram juntos **“para tentar o Espírito do Senhor”**. Nas Santas Escrituras, o pecado deles é exposto em todo o seu horror.

Corinto

Em 1 Coríntios 5 temos a apropriada disciplina da assembleia como tal, em seu caráter completo, isto é, Cristo como Filho sobre Sua própria casa, por meio de Seu apóstolo da Igreja lembrando aos santos em Corinto sua responsabilidade de purificar Sua casa da contaminação (Jo 2:13-17), despertando-os assim para o senso do seu dever sob a graça de **“Tirai, pois, dentre vós a esse iníquo”**.

O câncer do espírito partidário minou a Igreja de Corinto a tal ponto que toda verdadeira bênção se tornou quase impossível. Apenas alguns, como Estéfanos e sua família, Acaico e Fortunato, pareciam ter-se mantido sem contaminação em meio ao fermento que levedara quase toda a massa, e que fez sentir seus efeitos perniciosos em todas as direções, inclusive se estendendo até mesmo à mesa do Senhor, onde muitos não discerniam mais o corpo do Senhor. Esse terrível pecado de profanação foi visitado pelo Senhor em alguns casos com doenças e em outros até com a morte.

Existe uma lei natural bem conhecida, que diz que quanto mais delicada, terna e excelente for uma coisa, mais rápida e completa

será a sua corrupção. Pela mesma razão, um apóstata cai num grau mais baixo de degradação moral do que muitos homens não convertidos, entregando-se a pecados os quais os incrédulos se envergonhariam. Assim foi em Corinto. O câncer do espírito partidário, com suas paixões concomitantes de vaidade, vanglória e ciúme, minou tão completamente a base Cristã originalmente sólida na Igreja de Corinto, que eles não apenas ficaram individualmente orgulhosos em si mesmos, mas entre si e uns contra os outros; os diferentes partidos comparando-se entre si e exaltando-se uns acima dos outros, em vez de em humildade considerarem-se uns aos outros melhores do que si mesmos. Quanto maior o orgulho, mais profunda será a queda. Assim aconteceu em Corinto. Um pecado de caráter tão vergonhoso e antinatural, que nem mesmo entre os gentios havia, foi cometido no meio deles. Mas em vez de se lançarem com muitas lágrimas diante do Senhor, como fez Esdras e aqueles que estavam com ele, que tremeram com as Palavras do Deus de Israel por causa da infidelidade daqueles que foram levados cativos, e em vez de dizerem a cada um: **"Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a Ti a minha face, meu Deus, porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa tem crescido até aos céus... Nós temos transgredido contra o nosso Deus... mas, no tocante a isso, ainda há esperança... e agora... que coloquemos fora"** (Ed 9:6; 10:2; 10:3 – JND), os coríntios continuaram a ficar orgulhosos, e Paulo lhes diz: **"nem ao menos vos entristecestes, por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação"**.

Cristo, como Filho sobre Sua própria casa, interveio por meio de Seu apóstolo a fim de manter tanto Sua própria autoridade desconsiderada quanto a pureza de Sua casa. Paulo, em virtude da autoridade apostólica que lhe foi concedida pelo Cabeça da Igreja, foi, portanto, obrigado a escrever aos coríntios. **"Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, seja entregue**

a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus”.

Mas Paulo agiu aqui em virtude da sua autoridade apostólica, não exatamente como Pedro fez com Ananias e Safira, pois em Corinto o pecado a ser tratado era conhecido por todos, o que não aconteceu no de Ananias e Safira. Tornou-se, portanto, necessário que a Igreja de Corinto, como tal, em sua responsabilidade pela santidade e pureza, tornando-se a “casa do Deus vivo”, participasse da colocação do mal fora, o que deu a esse ato solene o caráter não apenas de disciplina apostólica, mas de disciplina da assembleia⁶. Paulo, portanto, embora falando com plena autoridade de apóstolo do Senhor Jesus Cristo (como Cabeça da Igreja e Filho sobre Sua própria casa), e como apóstolo da Igreja, **“em nome do Senhor Jesus Cristo”**, ao mesmo tempo, como membro da Igreja, que é o corpo de Jesus Cristo, assumiu seu lugar comum entre eles na assembleia, acrescentando: **“juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus”**.

Naquele grande e honrado servo de Cristo percebemos, em belo uníssono, autoridade apostólica, humildade Cristã, graça e sabedoria, para despertar o coração e a consciência dos coríntios, tão cegos pelo inimigo, para fazerem o que era devido a Deus e Seu Filho, como Cabeça da Igreja, e para obter o resultado desejado para a própria glória de Deus e sua bênção comum, e para a restauração daquele que caiu.

Que Deus conceda à Sua Igreja, nestes dias perigosos e difíceis de declínio, graça e sabedoria, bem como decisão e fidelidade em seguir o exemplo de Seu grande, porém humilde, apóstolo. Nestes dias de espírito partidário religioso, carnalidade e mundanismo (onde o exercício da verdadeira disciplina piedosa no temor e no amor de Deus e de Cristo se torna mais difícil do que nunca, embora nem por isso menos obrigatória por esse motivo), os mestres e pastores, dados pelo Cabeça da Igreja, farão bem em se lembrar (no caso da necessidade de disciplina

da assembleia, algo tão triste e humilhante para todos nós) que eles são **“irmãos”**, assim como pastores e mestres. Em tais ocasiões angustiantes, não haverá nenhum proveito dirigir-se à consciências adormecidas, com autoridade quase apostólica, para despertá-las da sua condição dormente. Este não é o caminho nem para o coração nem para a consciência deles. Uma disciplina da assembleia realizada desta maneira não produzirá **“frutos pacíficos de justiça”**, mas exatamente o oposto. Este não é o espírito do **“Filho sobre a sua própria casa”**, que lavou os pés até mesmo de um Judas, antes de exercer a disciplina, nem é o espírito do Seu apóstolo, que se autodenominava **“menor do que o mínimo de todos os santos”** (Ef 3:8 – TB) e falou até chorando daqueles **“que são inimigos da cruz de Cristo”**. O caminho para a consciência passa pelo coração, e se não soubermos como encontrar o caminho para o coração de um irmão, não encontraremos o caminho para a sua consciência (2 Pe 3:1; Jo 21:15-17).

O poder de ligar e desligar

As palavras **“ligar”** e **“desligar”** significam poder em ambos os sentidos. Tanto a carne religiosa quanto a natural amam o poder e a autoridade, e cada uma delas às vezes os usa “com vingança”.

A quem pertence por direito o poder de “ligar”? Todo crente concordará comigo ao dizer: Àquele que “amarrrou o valente e despojou-o dos seus bens”. E quem tem o poder de “desligar”? Somente Ele disse àquela filha de Abraão a quem Satanás amarrrou durante dezoito anos: **“Mulher, estás livre da tua enfermidade... e logo se endireitou e glorificava a Deus”**. Aquele que chamou Lázaro da morte e da corrupção para a vida e disse: **“Desligai-o e deixai-o ir”**; Aquele **“ao Qual Deus ressuscitou, desatando [desligando – JND] os laços da morte; porque não era possível que fosse por ela”** (TB) – somente a Ele pertence por direito o poder de **“ligar”** e **“desligar”**. Se Lhe agradou, durante a Sua ausência desta Terra, delegar parte dos Seus poderes aos Seus apóstolos e discípulos ou à Igreja, quem contestaria o Seu direito de fazê-lo? Mas somente Ele é e

continua sendo a fonte de todo poder e autoridade. Aquele que os deu pode retirá-los novamente, e assim o fez, onde esse poder e autoridade foram abusados por dispenseiros infiéis e falsos pastores ou pela indiferença de Laodicéia quanto ao seu próprio engrandecimento e enriquecimento e a opressão do rebanho de Cristo.

“Àquele que tem se dará, e terá em abundância; mas aquele que não tem, até aquilo que tem (ou, como diz o Evangelho de Lucas, “o que *parece* ter”) lhe será tirado”.

Vamos considerar agora:

1. Qual é o caráter e o propósito do poder de “ligar” e “desligar”?
2. A quem ele foi dado?
3. Para que tempo ele foi dado?

1. Seu caráter e propósito.

O primeiro é indicado pelas próprias palavras. **“Ligar”** alguém significa tirar-lhe a liberdade. **“Desligar”** alguém significa devolver-lhe a liberdade. Pelo pecado, o homem tornou-se escravo de Satanás, preso pelos grilhões do pecado. Pela fé e regeneração ele é libertado daquela terrível escravidão e se torna, na liberdade com a qual Cristo nos liberta, o servo voluntário e bem disposto de Deus e de Cristo. O homem natural é um prisioneiro espiritual e corporal, preso por Satanás. Deus, em Sua sabedoria, pode permitir que Satanás, mesmo externamente, manifeste a terribilidade dessas correntes, como no caso do endemoninhado e do lunático (Mateus 17:15-21), e daquela filha de Abraão que tinha estado presa dezoito anos.

Mas existem outras amarras, as da escravidão legal e do medo, conforme expresso no capítulo 7 da Epístola aos Romanos. Satanás e a lei (por melhor e mais santa que seja) podem amarrar, mas não soltar, isto é, libertar. Cristo liberta de ambos, **“havendo efetuado uma eterna redenção”**. Somente Ele, que **“subindo ao alto, levou cativo o cativo”**, possui o poder supremo para

“ligar” e “desligar”. Em breve Ele amarrará e prenderá Satanás no **“abismo”**, o príncipe deste mundo, que mantém o mundo acorrentado nas cadeias do pecado e do medo da morte, **“para que mais não engane as nações”**. Mas depois do reinado milenar de Cristo, Satanás será **“solto”** e manifestará que o homem, mesmo depois de uma bênção milenar, permanece sempre o mesmo; após o que o “enganador das nações” e **“acusador de nossos irmãos”** será designado para sua condenação final no **“lago de fogo e enxofre... para todo o sempre”**.

Mas Cristo, que detém o poder supremo de **“ligar”** e **“desligar”**, assim como detém todo o poder no céu e na Terra, pode, como já foi observado, transferir para outros uma parte desse poder de acordo com Sua boa vontade, como um rei pode transferir parte de seu poder para seus representantes de maior ou menor grau. Assim, Cristo, como Filho sobre Sua própria casa, com o propósito de disciplina na Igreja durante Sua ausência, delegou a outros parte de Seu poder e autoridade; seja para “ligar” nos casos em que a honra e autoridade de nosso grande Libertador das cadeias de Satanás, do pecado, da morte e do julgamento, e a santidade que convém à Sua casa, foram desconsideradas na prática por um de Seus redimidos; ou para “desligar” onde a “amarração” teve o efeito pretendido e a ovelha desgarrada e arrependida retorna ao bom **“Pastor e Bispo da vossa alma”**.

O “ligar” pode ser de caráter espiritual ou corporal, ou ambos, como no caso do pecador em Corinto, ou mesmo estender-se até a morte, como aconteceu com Ananias e Safira. Em 2 Coríntios 2:5-11 temos o “desligar”, como em 1 Coríntios. 5 temos o “ligar”.

O pecado liga, isto é, priva da liberdade. Quem pecou contra Deus não se sente livre diante d'Ele. Encontramos isso já em Adão e Eva como efeito do primeiro pecado. Eles se esforçaram para se esconder de Deus. Se alguém pecou contra o próximo, já não se sente livre na sua presença, mas contido e oprimido. O arrependimento e a confissão removem a pressão e restauram a liberdade e a tranquilidade. Assim é entre Deus e nós, e em nossa

comunhão uns com os outros. Mas se aquele que peca não confessa nem se julga por isso (falo, é claro, dos crentes), o Senhor graciosamente providenciou uma maneira de ligar o pecado ao coração e à consciência do impenitente, para fazê-lo sentir seu fardo, dando poder aos Seus para excluí-lo não apenas da comunhão com a assembleia, mas até mesmo com Aquele que está no meio (Mt 18:18), ligando-o, e assim privando-o de toda liberdade e gozo até que ele se arrependa.

2. A quem o Senhor conferiu o poder de “ligar” e “desligar”?

O Evangelho de Mateus é a única parte do Novo Testamento que fala desse poder. No capítulo 16 Jesus tinha anunciado àquela **“geração má e adúltera”** que desejava um **“sinal do céu”**, o **“sinal do profeta Jonas”**, tão fatal para Israel, ou seja, a morte e ressurreição do seu Messias rejeitado e crucificado. Então Ele **“deixando-os retirou-Se”**. Tudo acabou para Israel. Era noite. Mas no mesmo capítulo o Senhor mostra aos Seus discípulos o amanhecer da Igreja, dizendo: **“Sobre esta pedra⁷ edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno [Hades – TB] não prevalecerão contra Ela”**. Mas, quanto ao próprio Pedro, o Senhor acrescenta a promessa pessoal especial: **“E Eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na Terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na Terra será desligado nos céus”⁸**. Essa promessa foi feita pessoalmente ao apóstolo Pedro, evidentemente em estreita conexão com o poder das chaves para Israel e para os gentios.

E no capítulo 18 do Evangelho de Mateus, onde contemplamos a alvorada da manhã da Igreja, por assim dizer, o Senhor diz: **“Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na Terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na Terra será desligado no céu”**. Aqui o Senhor confere o poder de “ligar” e “desligar” a todos os Seus, isto é, aos discípulos que estão com Ele, e a cada assembleia; pois Suas palavras aqui estão em estreita conexão com o que Ele disse imediatamente antes e depois.

Mas não devemos esquecer o que o Senhor acrescenta imediatamente a seguir, o que naturalmente leva à terceira questão:

3 - Por quanto tempo foi dado o poder de “ligar” e “desligar”?

Claramente foi dado aos apóstolos do Senhor e aos Seus discípulos daquela época, por toda a vida deles, e também às Igrejas existentes nos dias dos apóstolos. Mas Cristo, sabendo de antemão o uso que uma Igreja infiel faria do privilégio do poder de ligar e desligar agindo em sua autoelevação carnal, acrescentou a graciosa promessa: **“onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles”**. Maravilhoso privilégio da graça, concedido pelo glorioso Cabeça da Igreja, prevendo estes dias do mais profundo declínio, mesmo para dois ou três (o menor número para constituir uma assembleia) que olham a Ele desde as ruínas, como se eles próprios fizessem parte delas, no sentido da sua própria fraqueza e da nossa vergonha comum. Que são dois ou três mil sem Cristo no meio deles? Nada além de muitos “zeros” sem um número antes deles. Coloque o número 1 antes deles e isso fará com que dois “zeros” se tornem cem e três deles se tornem mil.

Mas leitor Cristão será que você pensa que o Senhor colocará Seu selo nas decisões de grupos pequenos ou grandes, e concederá a eles o poder de “ligar” e “desligar”, decisões essas fundadas em estatutos e ordenanças humanas, ou mesmo aqueles grupos que estiveram originalmente fundados em bases bíblicas, mas abandonaram o caminho da verdade e seguiram a vontade do homem em vez da Palavra de Deus? Nunca! Isso significaria colocar Seu selo naquilo que é contrário à Sua própria Palavra. Ou será que Ele poderia reconhecer as ações da Igreja por parte de um grupo que estiverem reunido de acordo com os princípios bíblicos, mas que afundou num tal grau de degradação moral e espiritual que se tornou destituído de discernimento espiritual? Impossível! Isso seria nada menos do que fazer de Cristo o Servo do pecado. Foi Paulo, e não a Igreja de Corinto, quem entregou o iníquo **“a Satanás, para destruição da carne, para que o espírito**

seja salvo no dia do Senhor Jesus"⁹. Os coríntios, assim como cada assembleia de Deus, eram responsáveis por tirar dentre eles aquele **"iníquo"**, mas não podiam entregá-lo **"a Satanás"**. Somente o apóstolo como tal, poderia fazer isso. Mas nos Coríntios **"a tristeza segundo Deus"** operou **"arrependimento do qual ninguém se arrepende"** (2 Co 7:10); ou eles não teriam sido capazes de "desligar" a disciplina no poder do Espírito Santo e com o selo da autoridade de Cristo.

Excluir ou receber pessoas segundo a boa vontade de líderes humanos ou de um partido é bastante fácil; mas tais "ligar" e "desligar" não são reconhecidos no céu.

3. COM QUE ESPÍRITO E MANEIRA A DISCIPLINA CRISTÃ DEVE SER EXERCIDA E APLICADA?

A disciplina Cristã deve ser exercida no espírito de graça e verdade. Pela graça somos salvos. A graça mantém nosso homem interior assim como nosso homem exterior é mantido pelo poder de Deus em nosso caminho, através do território de um inimigo cruel e sutil, em direção ao nosso descanso final e glória com Cristo. A graça, então, deveria ser a nota tônica de toda a verdadeira disciplina Cristã, e a verdade em justiça e em santidade deveria caracterizá-la. Ao longo das Santas Escrituras, graça e verdade andam de mãos dadas, de capa a capa. **“A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”**,

Ele **“habitou entre nós cheio... de graça e verdade”**. Mas a Escritura não diz que da Sua plenitude recebemos **“graça e verdade”**, mas sim **“graça sobre graça”**. A graça, então, deveria ser a tônica da disciplina Cristã. Estamos demasiado inclinados a tratar com graça conosco próprios (pelo menos em nossa opinião) e com verdade com nossos companheiros Cristãos. Sempre que for necessário lidar com nossas próprias faltas, queremos que nossos irmãos nos tratem com graça e verdade; mas no caso da falha de um irmão, procedemos com muita frequência como se estivesse escrito “verdade e graça”.

Quando o Senhor falava da disciplina Cristã, Pedro Lhe perguntou: **“Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?”** Ele evidentemente pensou ter expressado a mais plena medida de graça ao dizer **“sete vezes”**, sendo esta a expressão da perfeição espiritual. Mas qual foi a resposta do Senhor? Ele indicou um número ainda mais perfeito. **“Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete”**, e então acrescenta a solene parábola do Rei **“que quis fazer contas com seus servos”**.

Caro leitor Cristão, talvez devamos nos perguntar: “Quantas vezes você e eu temos perdoado um irmão que pecou contra nós? Receio que, se o mesmo irmão pecasse contra nós pela sétima vez, a graça se tornaria um esforço para nós. Nesse caso, deveríamos estar inclinados a pensar que em nós “a graça teve sua obra perfeita” e que ele está transformando **“a graça em dissolução [libertinagem – ARA]”**. Mas se você e eu, leitor, já ultrapassamos o número “sete”, sentiremos tanto prazer em exercer a graça em “perdoar uns aos outros”, “assim como Cristo nos perdoou”, que muito antes de termos alcançado o número setenta, – para não falar de setenta vezes sete, isto é, 490 – teremos deixado de contar, caso realmente tivéssemos nos esforçado com aquela tarefa desagradável **“até sete vezes”**.

No décimo terceiro capítulo do Evangelho do apóstolo João, essa graça manifesta-se em todo o seu caráter amável e comovente. Ali contemplamos Jesus como **“Filho Sobre sua própria casa”**, exercendo disciplina no caso mais solene de Judas Iscariotes. Ali, a traição mais sombria que já existiu ou existirá teve que ser enfrentada. E com que espírito e maneira Jesus exerceu essa disciplina? Foi com a vara, o **“azorrague de cordéis”**, em Sua mão, como no caso bem diferente de João 2? Não, mas em perfeita graça do início ao fim, embora o tempo todo na verdade. Pois Ele habitou entre nós em **“graça e verdade”**. Quantas vezes, nos casos nos quais a disciplina da Igreja se tornou necessária, estamos inclinados a tratar graciosamente o irmão que pecou, se ele não nos ofendeu pessoalmente, especialmente se for nosso amigo ou parente nosso! Estamos então muitas vezes inclinados a colocar toda a ênfase na graça em detrimento da verdade. Porém, nos casos em que ele foi aborrecedor ou pessoalmente odiado por nós, estamos inclinados a fazer o oposto, colocando toda a ênfase na verdade. Quão diferente foi Seu procedimento, que é nosso padrão assim como nosso Salvador. Quando a santidade da casa de Seu Pai estava em questão, Ele tratou com verdade aqueles que contaminaram o templo. Mas no caso da mais negra traição e ingratidão de Judas Iscariotes contra Sua própria Pessoa,

Ele age com uma graça tão perfeita que, para a mente natural, quase parece que houve muita graça adiante da verdade. Mas logo veremos que este não foi, nem poderia ser, o caso de Sua parte, com Quem a graça nunca foi separada da perfeita verdade, e a verdade nunca da perfeita graça.

Não são poucos os que se recusam a acreditar que Jesus poderia ter lavado os pés de Judas Iscariotes; como tal graça, mostrada a um traidor inescrupuloso e endurecido, não apenas pareceria jogada fora, mas dificilmente estaria de acordo com a dignidade do Senhor. Receio que aqueles que pensam assim tenham entrado muito pouco no espírito desse capítulo glorioso. De todo o seu teor e conexão, não pode haver dúvida de que o Senhor lavou os pés de Seu traidor, assim como lavou os de Seus outros apóstolos. (Compare os versículos 10 e 11).

A mesma graça e amor que fizeram o **"Bom Pastor"** trocar o Seu glorioso lar celestial por este mundo entenebrecido pelo pecado, o lar da miséria e da morte, a fim de procurar, primeiro as ovelhas perdidas de Israel, e depois as ovelhas que **"não eram daquele aprisco"**, moveram Aquele que era a graça e a verdade personificadas, a esgotar todos os meios dessa graça e verdade, para alcançar o coração e a consciência até mesmo daquele que, enquanto comia Seu pão, levantou o calcanhar contra Ele,

"Mas por que todas essas tentativas", alguns talvez raciocinarão: "se Jesus sabia antes que seriam em vão, sendo Judas o filho da perdição?"

Seus pensamentos não são nossos pensamentos, leitor, nem Seus caminhos e Seu coração são nossos. A onisciência e o conhecimento perfeito do Filho de Deus não poderiam limitar a atividade da graça do perfeito Filho do Homem. O que poderia ser mais adequado para atingir a consciência até de um Judas e amolecer seu coração duro, do que vê-Lo, a Quem ele estava prestes a trair, inclinando-Se a seus pés para realizar o humilde serviço de lavá-los? Deveríamos ter pensado que (cada vez que aquelas mãos, que alimentaram aqueles milhares de famintos,

curaram os enfermos e abençoaram as criancinhas, e durante mais de três anos deram ao Seu apóstolo o pão de cada dia e o abençoaram e o partiram com ele, com seu toque suave, aplicaram a água purificadora nos pés de Judas Iscariotes), seu coração deveria ter jorrado e descarregado através de seus olhos, até que as correntes purificadoras de lágrimas penitentes se misturassem com a água purificadora ao redor de seus pés. E quando Ele ouviu Pedro dizer: **“Senhor, Tu lavas-me os pés a mim?... Nunca me lavarás os pés”**, e então a voz santa, mas sempre graciosa, do Mestre dizendo: **“Vós estais limpos, mas não todos”** e quando Ele, a Quem Judas também chamou de Senhor e Mestre, Se agachou a seus pés para lavá-los da mesma forma, não deveríamos ter pensado que os pés trêmulos do traidor teriam recuado, trazendo-o de joelhos publicamente para assumir sua profunda queda e a cobiça que causou isso? E quando a mesma voz calma, imperturbável e ao mesmo tempo tão graciosa acrescentou aquelas palavras de advertência: **“O que come o pão Comigo levantou contra Mim o seu calcanhar”**; e quando Jesus, **“turbou-Se em espírito e afirmou, dizendo: Na verdade, na verdade vos digo que um de vós Me há de trair”** (estas últimas palavras de graça e verdade, dirigidas ao coração e à consciência de Judas Iscariotes); e quando **“os discípulos olhavam uns para os outros, sem saberem de quem Ele falava”** – não deveríamos ter pensado que se a menor centelha de um sentimento melhor estivesse em seu coração, ou o menor movimento de arrependimento em sua consciência, tal palavras ditas por tal Mestre teriam evocado ali uma resposta?

Mas o coração e a consciência de Judas Iscariotes tornaram-se tão duros quanto as trinta moedas de prata que ele recebeu dos principais sacerdotes e dos fariseus. Por mais de três anos ele tinha caminhado ao lado do Filho de Deus. Ele tinha visto e ouvido Suas poderosas e graciosas palavras e ações. Mas enquanto caminhava dia após dia como testemunha ocular e auditiva, ou melhor, como um apóstolo ao lado d'Ele que era **“Deus manifestado na carne”**, seu coração era um oculto santuário de

ídolos, onde o **“mamon da injustiça”** (Lc 16:9 – JND) estava entronizado. Somente o seu corpo, mas não o seu coração, estava na presença do Filho de Deus. Assim, todos os seus privilégios serviram apenas para endurecer inteiramente sua alma e tornar ainda maiores sua medida de responsabilidade, sua profunda queda e o julgamento que se seguiu.

O discípulo do seio **“a quem Jesus amava”**, e que em nosso capítulo mais solene e ao mesmo tempo tão abençoado Lhe pergunta com simplicidade infantil: **“Senhor, quem é?”** dirigiu em sua velhice a todos os filhos de Deus a solene ordem: **“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos”**.

Jesus respondeu à pergunta de Seu amado discípulo com **“É aquele a quem Eu der o bocado molhado. E, molhando o bocado, o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão”**.

A graça chegou ao seu ponto mais extremo possível e esgotou seu último remédio. Nada restou além do julgamento. Aquela parte das Santas Escrituras, pronunciada em solene advertência por nosso gracioso mas verdadeiro Mestre, foi cumprida: **“O que come o pão Comigo levantou contra Mim o seu calcanhar”¹⁰**. **“após o bocado, entrou nele Satanás. Disse, pois, Jesus: O que fazes, faze-o depressa”**. **“E, tendo Judas tomado o bocado, saiu logo. E era já noite”**. Palavras solenes!

O Senhor, o **“Filho sobre Sua própria casa”**, exerceu disciplina, mas não até que todos os meios da graça tivessem sido esgotados. Compare 1 Coríntios 5:2.

Leitor Cristão, demorei-me mais do que o habitual neste caso de disciplina, único em sua terribilidade, não para julgar um traidor, mas para julgar nosso próprio coração traiçoeiro. Judas, embora não convertido, era um homem de paixões naturais semelhantes às nossas. Quão pouco, infelizmente, temos aprendido com nosso gracioso Mestre, que mostrou tanta paciência e graça ao Seu traidor, a exercer graça e paciência para com nossos irmãos errantes em Cristo, ignorando a ordenação do apóstolo da Igreja:

“Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai [restaurai – TB] o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado” (Gl 6:1).

Ouçá as palavras do inspirado Tiago: **“Irmãos, se algum de entre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma e cobrirá uma multidão de pecados” (Tg 5:19-20).**

Quantas vezes exercemos a graça sem a verdade, ou lidamos com a verdade sem a graça! É difícil dizer qual das duas formas seria a pior.

De que modo deve ser aplicada a disciplina Cristã?

Tendo já falado sobre o modo de exercer disciplina Cristã nos seus dois primeiros aspectos, agora só temos que considerar o modo e a maneira pela qual a disciplina da assembleia deve ser aplicada.

Em primeiro lugar, faremos bem em lembrar que a forma de aplicar a disciplina na Igreja está intimamente ligada ao espírito com que deve ser praticada, sobre o qual me detive no artigo anterior. Pois se no exercício da disciplina da Igreja o Espírito da graça e da verdade estiver ativo dentro de nós, esse Guia divino, habitando em nós, não entristecido, Ele não deixará de guiar no caminho e na maneira de realizá-la. Apenas estejamos sempre conscientes de que este bendito Espírito da verdade pode e nunca nos levará a agir sem, e muito menos contrariamente, a Palavra ditada por Ele mesmo, que é a verdade.

E o que é especialmente que encontramos expresso de forma tão distinta e decidida na Palavra de Deus quanto à maneira de pôr em prática a disciplina da Igreja? Não é a responsabilidade comum dos membros de Cristo diante d'Ele, nosso Cabeça em

glória, bem como a responsabilidade mútua deles, quanto a qualquer pecado não julgado que desonra a Deus, contaminando a assembleia como tal? Tomemos novamente o caso de Corinto. Aquela Igreja havia caído a uma condição espiritual tão baixa, que se tornou desatenta à sua responsabilidade de purificar-se **“do fermento velho”**.

Como agiu o apóstolo nesse caso desesperador, humanamente falando? Ele convocou uma conferência privada com Tito, Timóteo, Estéfanos, Fortunato e Acaico e alguns outros de seus companheiros de labuta, a fim de chegarem a uma conclusão e decisão neste assunto? Será que ele disse a eles: *“A condição da Igreja em Corinto está tão ruim e espiritualmente tão baixa, a vida espiritual tão fraca, a carne tão forte e prevalecente, e as consciências tão sonolentas e inertes, que não resta nada além de tomar o problema em nossas próprias mãos, e nós decidirmos, em vez deles, em tirar aquela pessoa ímpia da assembleia”*? Será que ele envia Tito ou Timóteo ou Estéfanos a Corinto com uma mensagem à assembleia, de que ele, como apóstolo, ou, digamos, ele e os outros irmãos com ele resolveram tomar a disciplina necessária da Igreja em suas próprias mãos, e, realizando isso por eles, expulsou aquela pessoa má do meio deles?

Qual teria sido o efeito de tal ação? Ora, se a Igreja de Corinto, tivesse se “curvado” a tal resolução, e, agindo de acordo com ela – tivesse considerado aquela pessoa iníqua como tendo sido expulsa do meio deles – teria agido no temor do apóstolo e dos irmãos com ele, em vez de agir sob a direção do Espírito Santo e no temor do Senhor. A consciência e o coração dos coríntios não teriam sido exercitados diante de Deus, em Sua santa e graciosa presença, quanto ao mal que haviam permitido em seu meio. Ao se livrarem de um mal, teriam apenas aberto a porta para outro mal, trocando assim um **“fermento”** por outro.

Mas o que o apóstolo fez? Em seu caráter e autoridade como tal, ele realmente disse: **“Eu, na verdade, ainda que ausente no**

corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos [reunidos – ARA, congregados – TB] vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo, seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus”.

Mas antes de tudo o apóstolo diz (v. 4): **“vós e o meu espírito estando juntamente reunidos, com o poder do Senhor Jesus Cristo”** (JND). Embora falando como apóstolo, ele se identifica inteiramente com a Igreja de Corinto simplesmente como um membro do corpo de Cristo, dizendo: **“vós e o meu espírito estando juntamente reunidos, com o poder do Senhor Jesus Cristo”** (não “com meu poder apostólico”). Ele procura trazer a consciência dos coríntios para a presença de Cristo, em vez de para a sua própria presença apostólica, para que possam agir **“no temor de Cristo”**, e não no temor do apóstolo, isto é, no temor dos homens. Embora, em virtude de sua autoridade apostólica, ele estava entregando aquele ímpio a Satanás para a destruição da carne (Jó 2:6-7), ele ao mesmo tempo tem o cuidado de lembrar aos coríntios de sua própria responsabilidade por agirem eles próprios na aplicação da disciplina da Igreja, pois ele continua: **“Não julgais vós os que estão dentro? Mas Deus julga os que estão de fora”**. Ele não diz: *“Nós excluimos essa pessoa do meio de vocês, e tudo o que vocês precisam fazer é notificar isso à assembleia”*, mas: **“Tirai, pois, dentre vós a esse iníquo”**.

É verdade que o mesmo apóstolo escreve aos hebreus: **“Obedecei a vossos pastores [guias – ARA] e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil”**. Também faremos bem em lembrar que o apóstolo escreve aos Coríntios no final da mesma Epístola: **“vos rogo, irmãos (sabeis que a família de Estéfanos é as primícias da Acaia e que se tem dedicado ao ministério dos santos), que também vos sujeiteis aos tais e a todo aquele que auxilia na obra e trabalha”**.

Não permita Deus que alguém diga ou escreva qualquer coisa que tenha a tendência de enfraquecer ou minar a autoridade espiritual dada pelo próprio Senhor aos que lideram, aos pastores, mestres, aos que supervisionam, e que incite ou fomenta nas Igrejas um espírito de desrespeito e oposição contra qualquer verdadeira autoridade espiritual, designada por Deus. Tal espírito não vem de cima, mas de baixo, como aprendemos na Epístola de Judas, onde somos advertidos contra dois extremos malignos. Um é o de **“admirando as pessoas por causa do interesse”**, e o outro é o de **“desprezam a dominação e maldizem as dignidades”** (TB). Cada um dos dois é um grande pecado, mas enquanto o primeiro é inerente à natureza humana (embora não seja menos pecaminoso e odioso), o último é diretamente diabólico e abominável.

Mas quando aqueles que têm sido vistos como líderes, tornaram-se tão desatentos à sua responsabilidade para com o Senhor e à sua obrigação para com a Igreja de Deus, decorrente da posição que ocupavam ali, a ponto de tentarem, especialmente em casos da disciplina da assembleia, conduzir as consciências dos santos praticamente para longe de Cristo sob sua própria superintendência e autoridade, eles não devem mais ser considerados nem tratados como **“líderes”**, mas como **“enganadores”** ou **“impostores”**.

Apenas alguns anos atrás, o escritor destas linhas permaneceu algum tempo como visitante em um determinado distrito (não da Grã-Bretanha), onde havia numerosas reuniões constituídas por aqueles que professavam, defendiam e ensinavam as verdades simples da igreja de Deus, conforme apresentadas nas Escrituras. Entre eles, tornou-se uma prática comum que, por meio de uma certa reunião em uma grande cidade (a “Jerusalém”, por assim dizer, para todas as reuniões no país, pelo menos para tantas quantas estivessem dispostas a reconhecer tal lealdade e dificilmente havia alguma que ousasse renegá-la), casos de disciplina da assembleia eram tomados em mãos e levados a efeito, não apenas para reuniões vizinhas, mas também para

reuniões distantes. Durante suas sessões privadas de sábado à noite numa casa particular, alguns "irmãos governantes", como eram chamados, resolviam entre si qualquer caso de disciplina da assembleia que tivesse surgido em alguma reunião daquele centro metropolitano. A decisão deles então era divulgada à assembleia na manhã do Dia do Senhor como um fato consumado que não admitia contradição. Mas esses "irmãos governantes" não limitaram a sua atividade aos casos de disciplina na assembleia a qual eles pertenciam. Eles também se ocupavam de questões de disciplina da Igreja que surgiram em reuniões vizinhas e até mesmo em reuniões distantes, e então enviaram um ou dois delegados à reunião em questão, a fim de notificar aquela reunião no próximo dia do Senhor como um fato consumado que tal irmão ou irmã foi tirado fora da assembleia pelos irmãos em "Jerusalém". Numa dessas ocasiões, ocorreu até que um irmão, que protestou contra tal procedimento, também foi excluído por "insubordinação".

Onde está o temor de Deus em tais procedimentos? Onde está a Palavra de Deus para justificá-los? O que acontece com a direção do Espírito Santo na assembleia? E quanto ao devido respeito à consciência dos santos? **"Dominais sobre elas com rigor e dureza"** (Ez 34:4). Eu **"livrarei as Minhas ovelhas da sua boca, e lhes não servirão mais de pasto"** (v. 10).

Pode haver questões de disciplina da assembleia, como por exemplo, em casos de imoralidade, desonestidade e doutrina maligna, onde a verdadeira sabedoria, amor e cuidado piedoso pelo rebanho de Cristo proibiriam igualmente fazer com que toda uma assembleia, jovens e velhos, se familiarizasse com todos os detalhes de tais pecados graves. Tal procedimento não só não seria útil para a condição espiritual dos santos, especialmente dos jovens, mas muitas vezes seria exatamente o oposto. Dificilmente se pode imaginar algo mais prejudicial à vida espiritual, ao progresso e ao crescimento de uma assembleia do que tal procedimento. O mesmo aconteceria em casos de doutrina

maligna, onde a influência envenenadora da alma muitas vezes se mostraria ainda mais desastrosa.

Em casos como estes, parece não apenas aconselhável, mas indispensável para o bem-estar espiritual de uma assembleia, que alguns irmãos mais velhos, de peso e inteligência espiritual, assumam os casos de disciplina mencionados acima e peneirem o todo antes de serem apresentados à assembleia para decisão. Desta forma, a consciência dos santos que formam a assembleia é devidamente exercitada diante de Deus, sem que o coração deles tenha sido contaminado por estarem ocupados com as peculiaridades do fermento que teve que ser eliminado. Tendo a assembleia então decidido quanto à necessidade da exclusão, ela é divulgada no primeiro dia da semana seguinte.

Esta maneira de levar a efeito o ato solene de disciplina está de acordo com Deus e Sua Palavra, e é muito diferente das formas ímpias de procedimento mencionadas acima. No primeiro caso, onde alguns “irmãos governantes” assumem sobre si a disciplina a ser exercida pela assembleia, a consciência dos santos é deixada sem exercício diante de Deus e, em vez disso, colocadas sob a autoridade humana. No último desses dois procedimentos perversos, é onde toda a reunião, jovens e velhos, são informados e, por assim dizer, familiarizados com os detalhes do fermento contaminador em todos os tipos de casos vergonhosos, há um perigo muito grande para o coração, especialmente dos tenros cordeiros do rebanho, familiarizando-se com o mal e, conseqüentemente, insensíveis ou indiferentes, se não forem realmente envenenados por ele. É difícil dizer qual dos dois seria o pior: o endurecimento da consciência pela falta de exercício diante de Deus; ou a contaminação e envenenamento do coração devido ao excesso de exercícios e detalhes que exigem disciplina.

Que o Deus de toda graça, por meio do Espírito da verdade, do poder, do amor e de uma mente sã, nos guie e abençoe com aquela sabedoria que vem do alto, para que sejamos **cheios “do**

fruto da justiça” até o dia de Cristo, e não nos envergonhemos diante d'Ele na Sua vinda.

Finalmente, gostaria de observar que há dois casos em que a retirada pessoal de um santo de uma reunião seria não apenas justificada, mas imperativa. O primeiro caso é o de uma assembleia que se recusa obstinadamente a excluir aqueles que são culpados de injustiça e imoralidade. O segundo é o de uma assembleia que permanece em comunhão com pessoas culpadas de heresia e heterodoxia (doutrina maligna). Sendo a disciplina uma das características essenciais da Igreja, como “casa do Deus vivo”, uma assembleia que recusa essa disciplina, deixa de ser uma assembleia no sentido da Palavra de Deus, por abrigar voluntariamente o mal e recusar julgá-lo e excluí-lo. Somente que todo o esforço bíblico é devido em advertência e súplica antes que tal passo extremo possa ser legitimamente dado.

Quanto à obrigação divina de cada crente de separação absoluta em casos de heresia e heterodoxia, isto tornou-se, especialmente nestes **“tempos trabalhosos”** e **“últimos dias”**, um assunto de tão suma importância, que, antes de encerrar estas observações sobre a questão Cristã disciplina, pretendo oferecer em meu próximo artigo algumas observações distintas sobre esse assunto.

Aqueles que causam seitas e divisões

Quanto ao procedimento bíblico no caso daqueles que causam seitas e divisões, a Palavra de Deus é bastante clara:

“E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles. Porque os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos simplices” (Rm 16:16-17).

O dever da Igreja nesse caso é inconfundível. Pois nenhum Cristão piedoso afirma que o apóstolo aqui (como em 2 Tessalonicenses 3) se contentaria em se abster de ter comunhão pessoal com aqueles que agem de forma contrária à doutrina dos

apóstolos, minando e destruindo a Igreja, o templo de Deus, causando divisões e ofensas, e enganando o coração dos simples. Uma assembleia que sancione tais pessoas no seu meio, abrindo assim a porta ao inimigo e destruidor, apenas mostraria que ela não tem noção do que é devido a Deus e ao Seu Filho, e à Igreja, como sendo a casa do Deus vivo. Se eles perseverassem, apesar dos protestos dos piedosos, em recusar exercer a disciplina da Igreja, eles finalmente perderiam o caráter de uma assembleia de Deus, e para os piedosos entre eles não restaria outra alternativa senão a separação daquilo que não mais seria uma assembleia de Deus. Mas o apóstolo começou justamente com um apelo aos fiéis a notarem esses tais, a fim de que eles se arrependam.

E se a separação se torna um dever para todo crente verdadeiro e fiel onde a contaminação do templo de Deus está em questão, quanto mais quando a honra de Deus e do próprio Filho está em jogo, como quando a heresia assumiu o caráter de heterodoxia, ou seja, doutrina falsa e que desonra a Deus! As determinações das Santas Escrituras, embora bastante claras no primeiro caso, são aqui ainda mais distintas e solenemente decisivas, como mostram as seguintes passagens: 1 Co 15:12-19, 33-34; Gl 5:7-12; 1 Tm 1:18-20; 2 Tm 2:16-18; Tt 3:10-11; 2 Pe 2:1-3; 1 Jo 2:18-26; 2 Jo 9-11; Jd 3-4.

Nenhum Cristão íntegro e sensato argumentará que as passagens citadas acima, que tratam das ferramentas de Satanás, que por meio de falsas doutrinas procuram minar os fundamentos do Cristianismo, não prosseguem até a exclusão da assembleia, quando a vontade própria rejeita toda a admoestação. A falsa doutrina, a heterodoxia, é de todos os males o pior, pois desonra diretamente a Deus e ao Seu querido Filho, nosso precioso Salvador, arruinando a alma daqueles por quem Jesus sofreu e morreu, numa extensão muito mais ampla e de uma forma muito mais destrutiva do que no caso do mal moral. E se o apóstolo ordenou aos coríntios que nem mesmo tomassem uma refeição comum na mesma mesa com aquele ímpio incestuoso, poderia

ele ter pretendido dizer que eles poderiam sentar-se calmamente e partir o pão com aqueles que atacaram os próprios alicerces da fé Cristã, ou melhor, da Pessoa do próprio Cristo e de Sua obra? O quê? Associar-se e partir o pão com eles à mesa do Senhor (a Quem eles blasfemaram) para **“anunciar Sua morte até que Ele venha”**? A própria ideia de tal comunhão com Judas é tão revoltante para todo sentimento Cristão, que não preciso dizer mais nada sobre isso.

“Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes”, escreve o apóstolo aos mesmos Coríntios. Certamente ele não quis dizer com isso que eles deveriam continuar em comunhão com aqueles falsos mestres no partimento o pão, dando-lhes assim a oportunidade de envenenar gradualmente toda a assembleia. **“Vigiai justamente [despertai com justiça – JND] e não pequeis”**, continua o apóstolo, **“porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa”**. Ele começou, como deveríamos, corrigindo o erro visando o arrependimento. Mas se recusassem a correção e assim se tornassem endurecidos no mal, será que isso deveria ser tolerado sob o pretexto da unidade?

É de temer que não sejam poucos os Cristãos nestes dias de mornidão de Laodicéia, aos quais se aplicaria essa solene repreensão de advertência do apóstolo. Há alguns que dizem que não poderia ter sido a intenção do apóstolo insistir que os coríntios excluíssem esses falsos mestres da assembleia, porque ele não lhes ordenou expressamente que fizessem isso. Essas suas palavras: **“Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes”**, não expressam de forma suficientemente clara a advertência do Senhor e do Seu Espírito por meio do apóstolo? Será que poderíamos também dizer que a **“senhora eleita”**, a quem o apóstolo João adverte contra receber em sua casa qualquer pessoa que não trouxesse a doutrina de Cristo (ou melhor, ela nem mesmo deveria cumprimentá-la, porque ao fazê-lo ela se tornaria participante **“nas suas más**

obras”), teria sido bastante livre para partir o pão com o falso mestre, tendo em vista que o apóstolo não a proibiu expressamente de fazê-lo? Quão tortuoso e enganoso é o coração natural em seus pensamentos e sentimentos, especialmente em um Cristão que abusa da graça!

Estas observações são válidas para outras porções das Santas Escrituras mencionadas acima, que são introdutórias.

Se então Cristãos individuais que recebem um mestre heterodoxo em sua casa, ou mesmo o cumprimentam, tornam-se seus cúmplices, quão mais solenemente isso é verdade para uma assembleia inteira que concede a tal pessoa um lugar à mesa do Senhor! Toda a assembleia se tornaria participante de suas más ações. **“Não sabeis”**, escreve o apóstolo aos Coríntios, **“que um pouco de fermento faz levedar toda a massa?”**. Este princípio da verdade divina é válido não apenas em casos de imoralidade grosseira como em Corinto, mas também em casos de doutrina maligna; pois o Espírito Santo, o **“Espírito de verdade”**, aplica as mesmas palavras por meio do mesmo apóstolo aos Gálatas, onde se tratava de uma questão de doutrina maligna ou heterodoxia (Gl 5:9-10), acrescentando: **“Eu quereria que fossem cortados aqueles que vos andam inquietando”** (v. 12). Em 1 Coríntios 15:33 o apóstolo insiste no mesmo princípio em relação à doutrina maligna como na mesma epístola, capítulo 5, à imoralidade, apenas em palavras diferentes, como fica claro em todo o teor do capítulo 15.

“Mas”, alguém diria, “suponhamos que alguém tenha pertencido a uma reunião onde, sem que ele estivesse ciente disso, uma doutrina maligna tenha sido tolerada, embora talvez não tenha sido divulgada publicamente. Ele é totalmente ignorante de tudo isso. Não seria injusto, ou melhor, cruel, recusar a tal pessoa um lugar à mesa do Senhor em outras assembleias?”

Sim, a mesa do Senhor! Isso faz toda a diferença. É a mesa do Senhor e não a nossa; e por esta mesma razão aquilo que é devido ao Senhor, e também aos Seus santos em santa

comunhão, deve ser a nossa principal consideração. Receber tais coisas seria nada menos do que nos ligarmos a eles, sendo a mesa do Senhor a expressão de um só corpo (1 Co 10:17). Assim, devemos nos tornar participantes de suas más ações. Coloquemos Cristo em primeiro lugar e os "bons Cristãos" em segundo, e não cometeremos erros, mas se colocarmos os "queridos Cristãos" em primeiro lugar e Cristo em segundo lugar, estaremos todos errados. Se magnificarmos a Cristo, tudo ficará claro. Deixe-O de fora ou torne-O – na prática – secundário, e tudo será confusão.

Quanto à objeção acima mencionada, ocorreu há alguns anos um incidente que nos fornecerá uma resposta satisfatória. Uma senhora apresentou-se numa assembleia em Londres desejando partir o pão. Ela esteve em comunhão em uma dessas assembleias indiferentes, mas disse que ignorava a questão doutrinária. Os irmãos com quem ela entrou em contato acreditavam que ela era honesta.

Eles, no entanto, consideraram correto iniciar uma conversa com ela, para verificar se ela não poderia, talvez involuntariamente, ter absorvido algumas daquelas noções doutrinárias fatalmente errôneas. E eis que, no decorrer daquela conversa, tornou-se evidente que ela, embora involuntariamente, havia absorvido não poucas delas. É claro que ela não poderia ser admitida naquela manhã, mas primeiro teria que ser convencida e libertada desses erros, antes que pudesse ser "recebida para a glória de Deus". Qual teria sido a consequência se ela tivesse sido recebida sem uma conversa tão proveitosa? Ela teria, tão involuntariamente como as recebeu, transmitido aquelas noções doutrinárias venenosas às mentes de outros santos naquela outra assembleia, talvez a alguns dos jovens. Assim, o veneno mortal teria sido gradualmente inculcado na assembleia,

O que foi dito mostra a necessidade indispensável da maior vigilância e cuidado em tais casos de doutrinas impuras e que desonram a Deus e a Cristo, com seu efeito destrutivo sobre os

filhos de Deus. O verdadeiro amor pelas ovelhas e cordeiros de Cristo deveria tornar-nos ainda mais cuidadosos com eles, mesmo quando esse amor pudesse ter a aparência de aspereza, para que não fossem desviados por falsos pastores para pastagens envenenadas. Numa reunião onde a doutrina maligna é tratada com indiferença, isto é, tolerada e abrigada, a atmosfera espiritual torna-se mais ou menos impregnada de noções doutrinárias doentias, embora o ensino aberto e a confissão delas possam ser cuidadosamente evitados. O vírus doutrinário que, embora talvez inicialmente em pequenas quantidades, está flutuando no ar. O diabo não administra o veneno às almas em colheradas, mas em gotas, ou em doses homeopáticas, por assim dizer. Atua de forma mais gradual, mas ainda mais segura em seus efeitos por não ser percebida. Por exemplo, alguém em tal reunião usa uma expressão ambígua quanto à Pessoa de Cristo, falando sobre as "enfermidades sem pecado do nosso bendito Senhor". Essa expressão não cai apenas nos ouvidos, mas penetra nas mentes e no coração dos ouvintes, que a consideram bastante inofensiva, a palavra suspeita "enfermidades", aplicada à Pessoa de Cristo, sendo guardada pela palavra anterior "sem pecado". Agora sabemos que todas as enfermidades humanas são o resultado da queda e do pecado do homem. Fome e sede, cansaço com suas consequências, sono – não são "enfermidades". Adão e Eva estavam com fome e comeram antes de pecar, um sono profundo caiu sobre Adão antes de sua queda. Deus fez o homem perfeito. Mas a enfermidade implica imperfeição, que é efeito do pecado, assim como a morte é o seu salário¹¹.

"Mas", alguns poderiam dizer, "você acha que algumas noções errôneas, flutuando na atmosfera de uma reunião e, portanto, recebidas de forma ignorante, poderiam ter um efeito tão prejudicial sobre a alma de Cristãos honestamente ignorantes?"

Na verdade, elas têm. Explicarei o que quero dizer com uma ilustração simples. Lembro-me de quando um estudante da Universidade de Berlim, um dia soube de um incidente notável

que aconteceu num dos escritórios do Ministério das Finanças. Vários dos funcionários ficaram doentes. Por fim, um deles morreu repentinamente. Isso levou a um exame minucioso das paredes do escritório, pintadas de verde. Verificou-se então que a tinta continha uma grande quantidade de arsênico, e sendo as salas aquecidas a um grau elevado, a atmosfera ficou impregnada com o arsênico, com grave prejuízo para a saúde dos ocupantes dessas salas, e com fatal efeito sobre um deles. Assim, suas constituições foram gradualmente envenenadas, sem que eles percebessem. Será que ficaram menos envenenados por ignorarem a presença do veneno? É exatamente o mesmo que acontece com o efeito do veneno doutrinário sobre a constituição espiritual dos Cristãos.

Aqueles que procuram encobrir sua indiferença em relação à honra de nosso Salvador com o manto do amor Cristão e da largueza de coração, são os que frequentemente dizem que devemos admitir à mesa do Senhor todo aquele que tem a vida de Deus, desde que caminhe consistentemente. Mas suponhamos que alguém viesse de um país vizinho onde a pestilência assola, a questão não seria se ele está vivo ou morto, mas se está infectado ou não. Ele seria colocado em quarentena por algum tempo até que se tornasse evidente que não havia sido infectado. Seria em vão ele dizer que não sente que está infectado. Ele poderia ter carregado dentro de si o germe da doença por alguns dias, sem se dar conta disso. Além disso, é coerente que um Cristão seja indiferente a um verdadeiro Cristo?

Uma palavra a mais para concluir. Vejamos o caso de algum filho antinatural que escreveu e publicou uma difamação vergonhosa contra seu pai. Qual seria o efeito de sua conduta escandalosa? Ora, não só a mãe, mas todos os membros sensatos da família insistiriam na retirada imediata do papel vergonhoso por parte daquele filho degenerado, e na sua confissão penitente aos pés do pai ultrajado. O autor desse artigo pode ter sido um irmão muito gentil com seus irmãos e irmãs. Seria esse um motivo para eles fecharem os olhos ao seu terrível pecado ou para serem

menos zelosos pela honra de seu pai? Pelo contrário, o seu amor pelo irmão transgressor, por mais profundamente entristecidos que estivessem, bem como a sua reverência pelo seu pai comum, iriam igualmente levá-los a insistir ou na retirada da má publicação, ou na remoção do filho vergonhoso da casa, se todas as exortações tivessem sido infrutíferas. Não seria todo membro da família que continuasse a manter relações amistosas com o ofensor iníquo, como se nada tivesse acontecido, seria corretamente considerado como tendo parte com o filho antinatural? (2 João 11). E se em tal caso um procedimento decisivo se torna imperativo numa respeitável família natural, quanto mais na família, na casa do Deus vivo, quando está em jogo a Sua própria honra e a do Seu Filho.

COMENTÁRIOS FINAIS

Nos casos em que a disciplina da assembleia tenha se tornado necessária, as decisões de uma assembleia, nem preciso dizer, não são infalíveis. Afirmar a infalibilidade de tais decisões seria nada menos do que estar no caminho certo para Roma, ou seja, para uma chamada Igreja infalível. Do lado de Deus – tudo é perfeição e infalibilidade. Mas e quanto ao nosso lado humano? Aqui tudo está sujeito ao fracasso, seja um único crente ou uma assembleia de crentes. O infalível Espírito de Deus habita no crente. Isso faz do crente um papa infalível? O Espírito Santo habita na Igreja ou assembleia. Isso a torna uma Igreja ou assembleia infalível? Jesus Cristo, nosso bendito e infalível Senhor e Mestre está presente no meio dos Seus dois ou três que estão reunidos ao Seu Nome. Sua presença torna Seus servos infalíveis, porque estão reunidos ao Seu Nome? Dificilmente poderia haver uma falácia maior e mais perniciosa. Podemos com certeza presumir que dois servos devotados de Cristo, como Paulo e Barnabé, na manhã do dia registrado em Atos 15, foram reunidos ao nome de seu Mestre celestial comum, orando por Sua direção, antes de iniciarem a jornada com Marcos no dia seguinte. Mesmo assim, eles se desentenderam no caminho e se separaram. Eles

deixaram de se amar porque posteriormente surgiu uma forte disputa? Certamente não. Talvez o apóstolo e seus companheiros de trabalho tivessem omitido em sua oração pela jornada o importante pedido de bondade fraterna, paciência e abnegação.

O que quero afirmar é simplesmente isto: que o Senhor, ao prometer Sua presença graciosa aos Seus dois ou três reunidos ao Seu Nome, certamente não transmitiu a ninguém que Sua presença, por mais abençoada que fosse, tornaria aqueles dois ou três (ou qualquer número deles) infalível em suas deliberações, decisões e ações, por mais disposto e pronto que Ele esteja para guiar pelo Espírito Santo aqueles que realmente estão reunidos ao Seu Nome – que é exatamente a questão da qual tudo depende. Mas em nenhum lugar de Sua Palavra o Senhor nos promete infalibilidade, seja em relação aos nossos pensamentos ou palavras, às nossas decisões ou ações. Aquele que sonda os rins e o coração conhece muito bem o elemento romanista, tão inerente à natureza caída do homem, para nos dar tal promessa.

Mesmo naqueles abençoados dias de Pentecostes, quando **“era um o coração e a alma”** dos crentes e o Espírito de Deus habitando na Igreja com poder desimpedido, a carne e o coração maligno natural apareceram nos santos, não apenas no caso de Ananias e Safira, mas em outras partes da Igreja em Jerusalém, quando surgiu o murmúrio de ciúme entre os Cristãos gregos e hebreus (Atos 6). Não, mesmo na assembleia em Jerusalém, estando presentes os apóstolos e os presbíteros, surgiu uma não pequena disputa (cap. 15). Mas, estando então desimpedidos o poder do Espírito Santo, do amor e de uma mente sã, a carne logo foi descoberta e silenciada.

Mas como é em nossos dias? Dias da ruína geral da Igreja de Deus, quando mais do que nunca a verdade solene e humilhante se manifesta, a saber, que o homem foi infiel e naufragou em tudo o que Deus havia confiado à sua guarda, desde o paraíso até o Pentecostes, e desde Pentecostes até agora! Certamente seria mais conveniente deitarmos diante de Deus com o rosto em terra,

com a boca no pó, em vez de abri-la para reivindicar arrogantemente a infalibilidade para as decisões da assembleia em meio às ruínas – as testemunhas mudas, mas eloquentes de nossa queda profunda! Quando nestes **“últimos dias”** ouvimos falar de um grupo de Cristãos afirmando a orgulhosa reivindicação de infalibilidade para suas decisões eclesiais, fundamentada nas falácias mencionadas acima, temos todos os motivos para tremer, por sua condição espiritual.

Não ouvimos falar de Cristãos de quem, de acordo com o seu conhecimento da verdade, se poderia esperar coisas melhores, alegando a infalibilidade da Igreja através de raciocínios como este? *“O Espírito Santo”* (dizem eles) *“habita na assembleia, e o Senhor prometeu Sua presença no meio dos Seus, mesmo onde apenas dois ou três estão reunidos em Seu nome. É evidente que o Senhor não pode guiar erroneamente o Seu povo: conseqüentemente, as decisões de uma assembleia, sendo a voz do Espírito Santo, devem necessariamente ser infalíveis”*.

Ao mesmo tempo, por assim dizer, e em flagrante contradição com a afirmação anterior, é acrescentado: *“Mas se acontecer de uma assembleia, num caso de disciplina eclesial, ter cometido um erro ao excluir alguém, aquele que foi assim erroneamente excluído, no entanto, teria que aceitar isso como vindo da mão de Deus e curvar-se diante dele. Ao recusar-se a fazê-lo, ele apenas manifestaria a sua vontade insubmissa, e assim provaria que merecia o castigo”* (ou seja, que a assembleia, afinal de contas, deve ser considerada guiada corretamente, mesmo que não tenha justificativa para excluí-lo!).

Poderia haver uma prova maior da perversidade do coração natural, mesmo nos Cristãos, a menos que fossem mantidos pela vigilância e pela oração no humilde sentido de sua total dependência da graça de Deus que estabelece o coração?

Disseram-me que um líder muito proeminente daquela seita religiosa disse que, se alguém, que tivesse sido injustamente excluído de uma assembleia, caísse em pecado vários anos

depois, isso justificaria a assembleia por tê-lo excluído, anteriormente!

Eu não teria acreditado neste relatório (tal expressão sendo um ultraje aos princípios mais simples da justiça natural, para não falar da verdade e piedade Cristã), se eu próprio não tivesse lido uma expressão bastante semelhante e equivalente do mesmo mestre em um artigo escrito e assinado e distribuído por ele mesmo.

Não se pode, em fidelidade a Deus e ao seu precioso rebanho, pelo qual o Bom Pastor sofreu e morreu, passar em silêncio ensinamento como este, assiduamente divulgado. Ele é fiel, embora tenhamos sido infieis. Que Sua graça ensine Seus subpastores a ser **"exemplo ao rebanho"**, em vez de dominá-lo, como **"tendo domínio sobre a herança de Deus"** (1 Pe 5:3), assumindo uma autoridade e infalibilidade que não vem nem de Deus nem Sua Palavra, mas do mal que construiu o romanismo.

Mais uma palavra sobre o caso de uma assembleia ter opiniões divididas no que diz respeito à necessidade de disciplina da Igreja em alguns casos. Aqui, agir de acordo com o princípio da maioria, como nas reuniões seculares, seria evidentemente humano e, portanto, falso. Tem havido numerosas provas de que, nos assuntos da Igreja bem como nas questões seculares, a maioria nem sempre está certa. Ouvi falar de um caso em que um único irmão recusou seu consentimento ao julgamento unânime de todos os irmãos na assembleia. Seus irmãos tiveram graça e fé quanto à direção do Espírito Santo e esperaram, quando logo depois se tornou manifesto que o irmão único estava certo e os outros errados. A unanimidade, especialmente no caso solene de excomunhão de uma assembleia, parece muito desejável, e a espera no Senhor e na direção do Seu Espírito não será decepcionada. Mesmo nos casos em que a oposição de um ou de alguns irmãos seja efeito da carne, o Senhor manifestará isso e removerá os obstáculos.

A questão da disciplina Cristã é de tão grande e séria importância que não poderia ser deixada de lado com apenas algumas observações.

J. A. von Poseck

Notas

[←1]

Presumo que na passagem acima não se trata de ter feito ou sofrido algo errado, mas de sentimento pessoal e animosidade.

[←2]

Esta última qualidade especialmente constitui os verdadeiros "pastores", isto é, aqueles que não apenas alimentam o rebanho, mas que, diante de Deus, tomam sobre si todos os cuidados e tristezas, o pecado e a miséria de um irmão que erra, e "Dele trazem o remédio para aquele que está falhando", como alguém observou de forma maravilhosa.

[←3]

Esse pequeno “arranhão” não intencional acontecerá às vezes, mas é algo muito diferente das “alfinetadas” infligidas pelos três “desprezíveis consoladores” de Jó, em suas tentativas de lavar seus pés. O resultado do serviço deles foi que Jó teve que orar por eles, para que o Senhor não tratasse com eles de acordo com sua loucura.

[←4]

J. N. Darby, "[Sobre Disciplina](#)".

[←5]

Compare a disciplina no caso de Acã (Js 7) com aquela em Judas 20, onde a sua execução causou a extirpação de quase toda a tribo de Benjamim. Compare ainda Atos 5 e 1 Coríntios 5

[←6]

O malfeitor, o **"iníquo"**, não deveria apenas ser afastado da mesa do Senhor, mas **"dentre vós"**. É dito a eles que **"com o tal nem ainda comais"**.

[←7]

Isto é, mediante a confissão de Pedro de que Cristo é o Filho do Deus vivo.

[←8]

Há algo semelhante no Velho Testamento no caso do rei Nabucodonosor, que à voz de **"um vigilante, um santo"** foi preso por sete anos e solto novamente quando se arrependeu e se humilhou diante de Deus.

[←9]

Uma assembleia não tem poder para entregar ninguém a Satanás. Esta expressão tem sido usada como um "bicho-papão" por líderes ambiciosos que ignoram a sua importância. Que uma pessoa excluída por uma assembleia de uma maneira piedosa (isto é, bíblica), é por aquele ato de disciplina colocada fora, isto é, no mundo, do qual Satanás é o príncipe, e onde seu poder está em ação, é solenemente - verdade, mas uma coisa bem diferente.

[←10]

Até agora nenhum árabe comeria pão com alguém contra quem nutre quaisquer intenções hostis.

[←11]

Quão sublime, em contraste com esses ataques nefastos do inimigo à dignidade de Cristo, soa a linguagem da própria palavra de Deus: **"Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos, mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, constitui ao Filho, perfeito para sempre"**.